

Sarney fica, mas abre espaço para sucessor

EDUARDO BRITO
Editor de Política

A partir do final da noite de hoje o Brasil terá três presidentes. Um de fato, no exercício do Governo, o presidente José Sarney. E dois outros considerando-se em vias de se tornarem ocupantes do Palácio do Planalto, pretendendo ser ouvidos e influenciar as decisões, quando não terem a posse antecipada, como ocorreu na Argentina.

Essa visão é a do próprio Palácio do Planalto, onde existe também uma certeza a mais. O presidente Sarney não nutre a mínima intenção de abandonar o Governo antes do prazo que lhe foi fixado pela Constituição e nisso tem o apoio tanto dos auxiliares quanto da maior parte de sua família. Aliás, haveria para isso dificuldades até institucionais, uma vez que precisaria ser aprovada pelo Congresso, por maioria qualificada, uma emenda constitucional nesse sentido.

Apesar disso, o atual Presidente não se recusará a colaborar com o sucessor que vier a ser escolhido no segundo turno de votação. Essa colaboração não se limitará à abertura do Governo para transmissão de informações, mas poderá chegar até a discussão das medidas a serem tomadas, inclusive encaminhando-se ao Congresso as mensagens que forem propostas pelo sucessor, desde que Sarney concorde com elas.

Na realidade, nenhuma das cinco alternativas vistas ainda como tecnicamente viáveis para o segundo turno agrada a equipe de Sarney. O presidente não revela seu voto, mas D. Marly e a filha Roseane assinalarão na cédula o nome de Roberto Freire, enquanto o deputado Sarney Filho não costuma dar mostras de desagrado diante da possibilidade de vitória de Fernando Collor, apesar de tudo.

Os números que têm chegado ao Planalto, inclusive os que vêm dos órgãos da informação, apontam o favoritismo de Collor e de Luiz Inácio Lula da Silva. Entretanto, se a presença de Collor no segundo turno é dada como praticamente certa, a posição de Lula não é de forma alguma confortável. Todos os dados coletados nestes três últimos dias mostram um virtual empate técnico entre Lula e Brizola, com possibilidades de que Covas e Maluf entrem ainda nesse embolamento final.

Apesar disso, Lula tem uma vantagem. É que a aguerrida militância petista, a mais agressiva de todas, mostra-se sempre esforçada, senão eficiente, na boca-de-urna. Só aí há condições para o candidato conseguir alguns pontos percentuais a mais. E esse trabalho é facilitado pela imensa sorte que foi a colocação do nome de Lula em primeiro lugar na cédula eleitoral.

Tanto Lula quanto Collor, além disso, contam com preferências distribuídas por todo o País, ainda que com alguns pontos fracos. Aí está o problema maior de Brizola. O candidato do PDT apresenta-se absoluto no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, mas não consegue subir em colégios eleitorais da maior importância, como Minas Gerais e principalmente São Paulo. Para compensar os ganhos de seus concorrentes em todo o País, inclusive em Minas e São Paulo, precisa portanto subir ainda mais em seus redutos, onde já parece ter chegado ao limite.

Mesmo assim, Brizola conserva a proporção de eleitores que desde o início das pesquisas o deixaram bem colocado, sendo ainda o que mais apelou a um esforço de voto útil. Se houver efetivamente um movimento nesse sentido, ele poderá ser o principal beneficiário. Só que essa é apenas uma possibilidade. Exatamente nesse mesmo rumo corre o senador Mário Covas.

Até hoje Covas expia seu pecado capital, que foi apostar em uma campanha morna demais nos meios de comunicação. Ele está chegando atrasado: sua ascensão lenta e gradual, embora segura, demoraria ainda umas duas semanas para colocá-lo na final. Só agora o senador começa a expandir-se nos estratos D e E. O único trunfo daí decorren-

te foi o baixíssimo índice de rejeição. É por isso mesmo que ele pode nutrir a esperança, como Brizola, de beneficiar-se das mudanças de última hora.

Na visão dos especialistas — visão que tem chegado ao Planalto — a movimentação de última hora está efetivamente ocorrendo, apesar de não se poder precisar com nitidez para onde. Até Paulo Maluf, o quinto colocado, pode beneficiar-se dela e entrar efetivamente no páreo.

Há um indicador sério para a probabilidade de mudanças de última hora. É que, lembra um importante especialista, em nenhum país do mundo registrou-se, a três dias das eleições, uma proporção tão elevada de eleitores que admitem, ao serem entrevistados nas pesquisas, a hipótese de mudarem seus votos. São nada menos de 27 por cento. Eles têm preferências, assinalam-na nas cédulas dos pesquisadores, mas admitem modificá-las, eventualmente.

Esse é o efeito maior da campanha eletrônica que o Brasil viveu pela primeira vez. Também ela é uma novidade em termos mundiais. Ainda que o rádio e a televisão constituam fontes importantes de referência em todos os países democráticos — e mesmo nos demais — em nenhum já se verificou uma dose tão maciça de propaganda eleitoral aberta pelo rádio e pela televisão.